

## ESTÁGIO SUPERVISIONADO NA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INCLUSIVA EM DUAS ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA-CE

Larissa Januário de Castro (Graduanda do curso de Ciências Sociais UECE)

Email: larissa.januario@aluno.uece.br;

Marina da Costa Lopes (Graduanda do curso de Ciências Sociais UECE)

Email: marina.lopes@aluno.uece.br;

Michely Peres de Andrade (Orientadora)

Email: michely.andrade@uece.br

### 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho versa sobre o debate da inclusão de pessoas com deficiência na escola pública. Ao refletir sobre a presença da Sociologia no Ensino Médio e as possibilidades de pesquisa na formação de professores/as, as autoras constroem o relato de experiência com base na sua imersão em duas escolas públicas da cidade de Fortaleza-CE. Desse modo, o objetivo do trabalho será apresentar reflexões a respeito da efetivação da educação inclusiva no Ensino Médio, bem como o papel da Sociologia como disciplina promotora dos direitos das juventudes. A partir da experiência de estágio em duas escolas com perfis díspares, teceremos algumas linhas reflexivas a respeito das possibilidades e desafios da educação inclusiva no Ensino Médio, bem como o lugar do ensino de Sociologia para a efetivação dos direitos dos jovens com deficiência. Para isso, partiremos dos estudos de Maria Teresa Eglán Mantoán (2003); Adriano Nuenberg (2020); Debora Diniz (2006) e Geny Lustosa (2019) como aporte teórico que subsidiará o relato de experiência e as análises realizadas pelas autoras.

### 2. MATERIAIS E MÉTODOS

Utilizando um roteiro de observação, as estudantes de Estágio analisaram o Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola, conversaram com professores/as e realizaram a regência por meio de aula expositiva dialogada e um atividade complementar. Dito isto, foi utilizado o diário de campo como principal instrumental de registros e análise acerca das observações e atividades realizadas na escola. O incentivo à pesquisa foi fundamental para que as estudantes de estágio tivessem a oportunidade de aprofundar o seu conhecimento acerca da comunidade escolar, criando os vínculos necessários para o desenvolvimento da sua identidade profissional.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

A literatura sobre educação inclusiva tem passado por consideráveis transformações, que nos alertam para atualizações conceituais e termos já considerados em desuso. Com base nas leituras recomendadas pela professora orientadora do estágio, foram identificados dois modelos nos estudos sobre deficiência: o modelo biomédico e o modelo social.

O modelo biomédico concebeu a pessoa com deficiência como aquela que se distancia do padrão e da "normalidade". Já o modelo social da deficiência, por sua vez, nasce com os movimentos sociais das décadas de sessenta e setenta, no Reino Unido e nos Estados Unidos. Dentre os diversos avanços políticos e epistemológicos conquistados com o modelo social da deficiência, destacamos os seguintes aspectos:

1) a deficiência passa a ser compreendida não mais como uma limitação, mas um modo de vida; 2) valoriza-se a dimensão identitária e comunitária das experiências e 3) rompe com a objetificação da pessoa com deficiência. Nessa direção, a educação inclusiva passa a ser avaliada como uma perspectiva e não como uma modalidade de ensino, a exemplo da educação especial (MANTOÁN, 2003). A educação inclusiva é uma nova forma de aprender e de viver a educação, que extrapola os espaços escolares. Desse modo, inclusão, enquanto perspectiva, questiona não somente as políticas e a organização da educação especial e da regular, mas também o próprio conceito de integração. Ela é incompatível com a integração, pois prevê a inserção escolar de forma radical, completa e sistemática. Todos os alunos, sem exceção, devem frequentar as salas de aula do ensino regular (Idem).

### 4. CONCLUSÃO

Os aprendizados com essa experiência são diversos, mas um deles se destaca: a compreensão de que as universidades precisam se aproximar mais das escolas. Atualmente, as escolas públicas demandam mais por debates e atividades diversas que agreguem na formação de estudantes do Ensino Médio. Dentre as duas escolas, uma delas se destaca pela presença da sala de recursos multifuncionais destinada aos estudantes com deficiência. Estamos nos referindo à escola 2, localizada na periferia de Fortaleza, onde percebemos um compromisso maior da gestão com as/os discentes PCDs. A escola 1, por sua vez, ao valorizar mais o desempenho dos estudantes e as avaliações nacionais e regionais, não consegue se alinhar aos princípios da educação inclusiva previstos na legislação e nas obras dos autores citados acima.

### 5. REFERÊNCIAS

BARBOSA, Meiriene. "O atendimento educacional especializado como força motriz da inclusão escolar". In: Educação e inclusão: Entendimento, proposições e práticas. Blumenau, Edfurb, 2020.

DINIZ, Debora. O que é Deficiência. Coleção Primeiros Passos. Ed. Brasiliense, 2006.

GHEDIN, Evandro. Estágio com pesquisa. São Paulo, Editora Cortez, 2015.

LUSTOSA, Geny. Barreiras atitudinais e práticas pedagógicas: Interfaces com a formação de professores para educação inclusiva.

MANTOAN, Maria Teresa. Inclusão escolar : o que é? por quê? como fazer? / Maria Teresa Eglér Mantoan. — São Paulo : Moderna , 2003. — (Coleção cotidiano escolar).

NUERNBERG, Adriano. "O capacitismo, a Educação Especial e a contribuição do campo de estudos sobre deficiência para a educação inclusiva". In: Educação e inclusão: Entendimento, proposições e práticas. Blumenau, Edfurb,

